



ENTREVISTA: PROFESSOR JOSÉ CARLOS DE OLIVEIRA

**CONCEDIDA A EDITORES
DA ARQUEIRO**

MARISA GOMES, OSILENE CRUZ E
RICARDO JANOARIO

Professor José Carlos, temos muito prazer em poder contar com sua participação na Revista Arqueiro nesta entrevista sobre sua trajetória acadêmica e profissional. Vamos às perguntas?

REVISTA ARQUEIRO: Relate um pouco sua formação acadêmica e profissional.

JOSÉ CARLOS OLIVEIRA: Sou formado em Letras-inglês (FACCAR-2008), Letras-Libras (UFSC-2010), com especialização em Linguística (Gama Filho-2009), fiz mestrado (UFSC-2014) e hoje sou doutorando em Estudos Linguísticos (UFU-2017.2 – egresso). Trabalho como professor no ensino superior desde 2014.

REVISTA ARQUEIRO: Atualmente, sua experiência profissional está relacionada ao ensino? A que disciplina? Para que público-alvo?

JOSÉ CARLOS OLIVEIRA: Leciono na área de linguística da Libras, as disciplinas Libras (I a VI), Metodologia de Ensino de Libras (L1 e L2), Metodologia de Ensino de Português L2 para Surdos, e o Estágio Supervisionado em Libras e Educação Bilíngue.

REVISTA ARQUEIRO: Sabemos do seu interesse pelo ensino de Língua Portuguesa. Como se deu e ainda se dá essa experiência?

JOSÉ CARLOS OLIVEIRA: Partiu da percepção das dificuldades dos meus pares em compreenderem e se expressarem nessa língua. E também das minhas próprias dificuldades e limitações em relação a essa língua. Atualmente busco novas formas de entendimento do letramento de surdos em Língua Portuguesa, novos métodos de ensino dessa língua para os surdos, e o exame do papel do professor e do aluno nesse processo.

JOSÉ CARLOS DE OLIVEIRA

Formado em Letras-Ingês (FACCAR-2008), Letras-Libras (UFSC-2010); especialização em Linguística (Gama Filho-2009); mestrado em Linguística (UFSC-2014); doutorando em Estudos Linguísticos (UFU). Professor Assistente no Instituto de Letras e Linguística – ILEEL, na Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Atua nas áreas Libras, Ensino de Línguas para Surdos, surdocegos e deficiências múltiplas sensoriais e para ouvintes, Formação de Professores e Acessibilidade. Membro dos grupos de pesquisa Inclusão (UFU) e Compreensão e Produção Escrita em Língua Portuguesa como Segunda Língua: experiências, desafios e perspectivas (INES) e da Associação Brasileira de Linguística – ABRALIN –, Associação dos Surdos de Uberlândia – ASUL. Colaborador da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – FENEIS – e da Associação Brasileira de Surdocegos – ABRASC.

REVISTA ARQUEIRO: Quais os principais desafios que você encontra para o ensino de Língua Portuguesa para surdos e/ou para surdocegos?

JOSÉ CARLOS OLIVEIRA: A minha experiência no trabalho com alunos surdos enfoca o ensino de Língua Portuguesa no contexto do Ensino Superior. A maior dificuldade reside na precária bagagem de conhecimento que os alunos surdos possuem ao ingressarem nessa etapa da vida acadêmica, quando precisam ler e escrever textos técnico-científicos que exigem certas habilidades para a compreensão e a produção e para os quais não estão preparados, embora isso não seja uma característica específica de alunos surdos. Isso faz com que seja necessário que o professor dedique tempo para trabalhar os elementos linguísticos e textuais, para conseguir que o aluno tenha aproveitamento satisfatório e alcance progressão em seus estudos.

No caso do aluno surdocego, o grande desafio é nossa limitação e/ou desconhecimento não de algo novo, mas de algo que se percebe como novo. Isso porque a partir do momento em que as pessoas surdocegas passaram a lutar por sua dignidade e seu espaço, nos deparamos com algo velho que era não percebido. Assim, o nosso despreparo profissional nos impede o uso de uma língua comum, bem como a falta de informação, a falta de material didático apropriado, a falta de material impresso

que possibilite aos surdocegos a interação com a língua por meio do Braille ou de outras formas de transmissão verbal ou não verbal.

REVISTA ARQUEIRO: Que tipo de material didático você utiliza nas suas aulas? Como você os escolhe? Quais os critérios?

JOSÉ CARLOS OLIVEIRA: Com os alunos surdos, o material básico é constituído pelos próprios textos a serem estudados nas disciplinas em que estão matriculados e a partir deles trabalhamos a língua em seus diversos aspectos. Assim, as escolhas dependem das necessidades de aprendizagem dos alunos.

Quanto ao trabalho com alunos surdocegos inseridos nas séries iniciais da educação básica, o trabalho é feito a partir do uso de material tátil e do Braille (letras, números em EVA, material em relevo, tudo que é palpável).

REVISTA ARQUEIRO: O que você pensa da utilização de novas tecnologias para o ensino de LP? Destaque os prós e contras.

JOSÉ CARLOS OLIVEIRA: São de suma importância, pelo fato de as tecnologias estarem inseridas na vida cotidiana dos surdos e é por meio das tecnologias, de aplicativos, de recursos digitais que os surdos se comunicam com textos escritos, mesmo entre si. É importante trabalhar a estrutura da escrita da Língua Portuguesa nos diferentes tipos de

aplicativos e nos recursos digitais para que os surdos tenham consciência da forma adequada da escrita a cada situação de uso.

Existe um aspecto negativo em relação à troca de mensagens de textos entre surdos e ouvintes: as pessoas ouvintes, em muitos casos, acham que a escrita dos surdos é “desestruturada”, por isso escrevem seus textos para os surdos usando apenas palavras de conteúdo, o que é prejudicial ao aprendizado, ao desempenho desses sujeitos, como alunos e como cidadãos.

REVISTA ARQUEIRO: Você percebe algum avanço no ensino de LP para surdos e/ou para surdocegos após do Decreto 5626/2005? Qual?

JOSÉ CARLOS OLIVEIRA: Não se pode afirmar que não há avanços, mas o que vemos são experiências isoladas, pois a prática de ensino de Língua Portuguesa em sala de aula inclusiva não contempla o direito do aluno surdo garantido pelo Decreto, nesses espaços o que prevalece é a língua da maioria, a L1. Além disso, nos dias de hoje ainda é forte a dicotomia Libras–LP, tanto nos espaços escolares quanto nos espaços sociais, talvez pela falta de (re)conhecimento tanto da Libras quanto das peculiaridades e das potencialidades dos sujeitos surdos.

REVISTA ARQUEIRO: Na sua opinião, qual é a importância da Libras para o ensino para surdos? E para surdocegos?

JOSÉ CARLOS OLIVEIRA: É tudo. A começar, sem um L1 (Libras) não existirá a L2 (Língua Portuguesa). É por meio dos conhecimentos na L1 que o aluno irá aprender uma L2. Não se poder querer ensinar Língua Portuguesa para surdos sem o uso da Libras, caso contrário voltaremos ao oralismo, considerando que as línguas envolvidas nesse processo são de modalidades distintas e a grande maioria dos surdos não faz uso da Língua Portuguesa na modalidade oral. Nesse caso, a língua instrução/interação/mediação será necessariamente a Libras. Ainda mais para os alunos surdocegos, sem a comunicação tátil não será possível o estabelecimento de contato, de comunicação. Vemos aí que, sem a Libras “tátil”, o aluno surdocego fica impossibilitado de fazer interações comunicativas e sociais, por isso, fica impossibilitado de aprender.

REVISTA ARQUEIRO: Como o ensino de LP pode incentivar o aluno a ler e escrever mais e melhor?

JOSÉ CARLOS OLIVEIRA: Para os sujeitos aprenderem e usarem uma segunda língua é necessário que gostem e compreendam essa língua, é necessário que sua primeira língua seja igualmente respeitada e compreendida. No Brasil o ensino de Língua Portuguesa é obrigatório, envolvendo línguas muitas vezes em conflitos, levando ao fracasso. Notamos aqui a importância de levar o aluno surdo a gostar da Língua

Portuguesa e a usá-la por prazer, embora o faça por necessidade.

REVISTA ARQUEIRO: Como percebe o ensino de Língua Portuguesa atualmente? O que poderia ser diferente?

JOSÉ CARLOS OLIVEIRA: Como já adiantado na questão número 7, considerando a pouca existência de escolas e salas bilíngues para surdos no Brasil, a grande maioria dos alunos surdos está inserida na educação inclusiva e, nesse espaço, o ensino da Língua Portuguesa para surdos é disfarçado “como segunda língua”, mediante a presença e a mediação do intérprete de Libras. Seria necessário que o ensino da Língua Portuguesa, na modalidade escrita, tivesse um lugar no currículo escolar, com conteúdos didáticos, metodologias específicas e mediado por uma língua comum, pois a interação direta entre aluno e professor torna o processo de ensino e de aprendizagem mais dinâmico e produtivo.

REVISTA ARQUEIRO: Quais devem ser os requisitos do professor de LP para trabalhar com aprendizes surdos e/ou para surdocegos?

JOSÉ CARLOS OLIVEIRA: Não podemos querer ensinar a alguém algo que não conhecemos. Assim, há a necessidade de conhecermos nossos alunos, suas características, suas necessidades, seu jeito de aprender. Há a necessidade de compartilhamento de uma língua

comum, pois a interação comunicativa possibilita as trocas de experiências, os diálogos, a reciprocidade. Pois quando se estabelece uma relação de amizade, de confiança, o aluno passa a se sentir seguro em seu processo de aprendizagem. O professor deve ser um modelo para o aluno, mas um modelo inspirado no próprio aluno, ou seja, na sua identidade e cultura e não na do professor. Isso implica dizer que o professor deve sair de si e se colocar no lugar do aluno, uma característica que poucos professores ouvintes conseguem desenvolver.

REVISTA ARQUEIRO: Como você percebe a formação do professor de LP atualmente, depois de avanços legais sobre a inclusão e sobre a educação de surdos e/ou de surdocegos?

JOSÉ CARLOS OLIVEIRA: Em muitos casos, os cursos tradicionais inseriram a disciplina Libras em suas grades curriculares para cumprir a legislação e não por interesse em uma formação específica. Uma disciplina com carga horária de 60 horas é insuficiente para habilitar um profissional a atuar com alunos específicos. O curso de licenciatura criado pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – em 2006 abriu caminhos para novas perspectivas. Também em 2006, o Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES –, implementou o Curso de Licenciatura em Pedagogia na modalidade Bilíngue (presencial). Após a implementação do Plano Viver Sem Limites do

Governo Federal, em 2011, foram criados cursos de Letras-Libras, de Libras-Língua Portuguesa para Surdos, de Língua Portuguesa para Surdos, de Língua Portuguesa com Proficiência em Libras e até mesmo de Libras (bacharelado) em várias universidades brasileiras e também o Curso de Pedagogia Bilíngue (). Seguindo essa tendência, o INES aderiu à proposta do Programa do Plano Viver Sem Limites e implementou também o Curso online de Licenciatura em Pedagogia na modalidade Bilíngue, que teve início em 2018, em 14 polos distribuídos no Brasil. Todos esses cursos estão formando suas primeiras turmas. Embora o simples fato desses cursos existirem já acene com perspectivas de mudanças na qualidade do ensino na educação básica, na prática isso ainda não se concretizou.

REVISTA ARQUEIRO: Você acha que deveria haver mudanças no uso de metodologias e de estratégias de ensino de LP para surdos e/ou para surdocegos? Qual(is)?

JOSÉ CARLOS OLIVEIRA: Muitas escolas e muitos professores ainda trabalham com o método de ensinar primeiro o vocabulário, depois frases curtas, depois textos curtos e simples, para só então partirem para atividades escritas mais significativas. Deveria ser o contrário, a partir de um texto significativo para o aluno, o professor poderia trabalhar os componentes textuais de modo inverso. Partir do texto completo, decompô-lo

em unidades menores, trabalhar com o aluno de modo interativo e dialogado, compartilhando com reciprocidade o processo de ensino e aprendizagem. O professor deve ser modelo e guia para o aluno.

REVISTA ARQUEIRO: Quais as principais vantagens e desvantagens de ser professor de LP para surdos atualmente no Brasil?

JOSÉ CARLOS OLIVEIRA: Ser professor por opção (vocação) é uma arte, uma virtude, compartilhar o saber e formar cidadãos ativos onde todos, professor e alunos, desempenhem o papel de agentes críticos, construtores de uma nova realidade social é uma dádiva. Todos sabem que as condições de trabalho e o salário da grande maioria dos professores são indignas, defasadas, considerando a dimensão da profissão no contexto social. No entanto, considero que a dignidade humana reside no caráter, no legado intelectual positivo capaz de perdurar para a história, e não nos bens materiais propriamente ditos.

REVISTA ARQUEIRO: Qual a sua sugestão para quem quer trabalhar com ensino de LP para surdos e/ou para surdocegos?

JOSÉ CARLOS OLIVEIRA: Cada caso é um caso, mas além da formação acadêmica em nível superior em um curso específico voltado para a área, é necessário o aprendizado da língua do aluno, a Libras;

no caso de alunos surdocegos, da Libras tátil, e é importante também conhecer sua identidade, sua cultura, seu modo de vida, seu modo de aprender e de compreender o mundo, seu modo de interagir. A convivência, o contato direto com o diferente complementa os conhecimentos acadêmicos adquiridos nos cursos de formação específica, uma vez que nem sempre esses cursos contemplam a realidade vivida por nossos futuros alunos. A teoria e a prática precisam caminhar juntas.

REVISTA ARQUEIRO: Você acha que o I Simpósio sobre Ensino de Língua Portuguesa para surdos, realizado em 2017, contribuiu para a formação continuada e para a conscientização sobre o ensino para surdos?

JOSÉ CARLOS OLIVEIRA: Foi um momento rico de compartilhamento de experiências com diferentes temáticas voltadas à educação de surdos, enfocando não só o ensino da Língua Portuguesa para surdos, mas também outras disciplinas relacionadas, dando ao evento caráter interdisciplinar, abordando também o papel da Libras nesse processo de ensino e de aprendizagem de Língua Portuguesa por surdos.

O debate a respeito das propostas e práticas de escola bilíngue para surdos no Brasil contemporâneo colocou em debate também o protagonismo da pessoa surda mostrando o grau de aceitação de sua cultura.

Como pioneiro na área de educação

de surdos, o INES, ao propor e realizar o seminário, abriu caminhos para novas perspectivas para a área de ensino da Língua Portuguesa, não só para surdos, como também para ouvintes, considerando que o Brasil é um país majoritariamente monolíngue, sendo raro ou quase inexistente o debate sobre o ensino de Língua Portuguesa como segunda língua também para ouvintes. Dessa forma, o Seminário do INES se destacou como precursor pioneiro da área.

REVISTA ARQUEIRO: Você gostaria de abordar alguma questão que não tenha sido discutida nesta entrevista?

JOSÉ CARLOS OLIVEIRA: Seria muito interessante e talvez mais produtivo se mais e mais professores surdos protagonizassem, juntamente com os professores ouvintes, a construção do processo científico de ensino e de aprendizagem da Língua Portuguesa para surdos, de modo a construir um jeito surdo de ensinar e um jeito surdo de aprender.

REVISTA ARQUEIRO: Mais uma vez, a Revista Arqueiro agradece sua preciosa participação!

JOSÉ CARLOS OLIVEIRA: Eu que agradeço a oportunidade de poder compartilhar alguma experiência e colaborar com vocês.

